

Os professores já não bastam para o ensino nos hospitaes, nem ha cadaveres sufficientes no amphitheatro.

Como consequencia dessa superabundancia de alumnos, acontece que estes pouco estudam, por causa da facilidade que encontram nos exames.

Os examinadores não os conhecem, e alguns delles, já fatigados de examinarem, fazem, sempre, as mesmas perguntas, sem se darem ao trabalho de varial-as. Basta, pois, aprender essas poucas perguntas. Outros são conhecidos por suaextrema bondade para com os candidatos, a quem nunca reprovam.

Ha ausencia completa de toda idéa pratica. Entre nós, é sempre o velho curso de pathologia no molle torpor do amphitheatro. Ouve-se ahí, em horas determinadas, durante um semestre, o joven Untel desenrolar periodos harmoniosos e cadenciados, sendo necessaria, na verdade, muito boa vontade para se vir dos confins do mundo ouvir licções que se teriam lido no proximo volume, cuidadosamente redigidas e realçadas com um bello prefacio.

Si da Escola passarmos ao Hospital, notaremos a mesma falta de cunho pratico.

Isto é ensino? Nunca, jamais. »

Já se vê, pois, que, nem sempre, o ensino ministrado nas grandes capitaes é o mais solido e o mais proficuo.»

A. P.

A preocupação dominante, da mudança da séde de governo, que absorvia todas as atencões e monopolizava todas os esforços, abriu um longo parenthesis na sequencia dessa propaganda benefica, a qual, como se verá, vae, mais tarde, recommear na nova Capital, com um novo ardor, até sua definitiva realizção.

*(Continúa no proximo fasciculo).*

SILVA ALVARENGA

POR

ABILIO BARRETO

Ao tomar posse de sua cadeira na Academia Mineira de Letras, o sr. Abilio Barreto pronunciou o discurso que se segue.

O assumpto versado e o modo pelo o qual o foi, tornam tal peça oratoria digna de figurar no presente fasciculo da *Revista do Archivo Publico Mineiro*.

(Da Direcção).

## SILVA ALVARENGA

Discurso de empossamento do sr. Abilio Barreto na Cadeira numero 18, em a sessão solemne de 26 de Junho de 1926

Srs. Academicos

Ao transpor o majestoso portico do templo augusto, em que vós, sacerdotes fideis da divina Religião da Arte, exercitais o officio maravilhoso da litteratura, outorgae, que eu, o mais humilde dos vossos congregados, vos saude e vos peça permissão para entrar e tomar posse da Cadeira, com que me honrou a vossa magnanimidade.

Permitti ademais, que vos diga, preliminarmente, as fortes razões que tenho para sentir-me ufano da honra insigne, com que me distinguistes, acolhendo-me generosamente ao vosso seio.

Já tive ensejo de dizer algures, e agora tenho o contentamento de repetil-o: não sei que mais me dignifica e enaltece, desde que se vagou aquella cadeira: si o proprio facto de ter sido julgado merecedor da tão alta distincção de occupal-a, si a maneira particularmente carinhosa como foi gestada e tornada victoriosa minha candidatura, por iniciativa de academicos e da imprensa desta Capital, generosamente secundados por academicos e pela imprensa de Juiz de Fóra e de outras localidades.

Um grande valor culminante em nossas letras, prestigioso e prestigiado, que se fizesse alvo de tão alta dignidade, não teria, talvez, os motivos que julgo ter para sentir-me tão ufano. Aquelle valor, por ser um grande valor, acceitaria o vosso gesto como um natural movimento de pura justiça, ou como uma homenagem merecida, e estaria bem consigo mesmo, dizendo-vos: - «Muito obrigado!»

Em relação a mim, porém, o caso tem um significado muito particular. Como explicar ver o meu humilde nome assim lembrado e acolhido com carinho para preenchimento de uma vaga que se abria inesperadamente na Academia, justamente quando me achava ausente da Capital? Socialmente, quem era eu senão um luctador desprotegido, ignorado na concha da sua obscuridade, sem fortuna e sem posição social saliente, vivendo uma existencia sem brilho, si bem que alcerçada em principios solidos, rumando uma directriz honesta e rectilinea?

Intellectualmente, qual era o meu valor, não ter vindo, desde 1904, sonhando, e condensando em fórmulas litterarias os meus sonhos, obediência ao destino, que desde o berço me impellira a ser um devoto do ingrato ministerio de escrever?

Por mim, com aquelles minguados dotes, sempre entrevi muito além dos limites do meu merecimento a conquista de um logar neste templo de Arte e, por isso, apenas duas vezes, sempre conduzido pela vossa mão generosa, vim bater á vossa porta: a primeira, quando muitos de vós me arrancaram da penumbra do meu retrahimento e me honraram com alentador numero de suffragios, em pleito renhidissimo, de que sahi dignamente derrotado; e agora, tendo a suprema ventura de ser acolhido de maneira tão meiga e enaltecida em vosso seio.

Em face do que acabo de expôr, a interpretação que devo dar, e que dou, ao vosso nobre e desprendido gesto, tirando o humilde sonhador de seu recanto sem brilho para este palacio illuminado e grandioso, é a de um premio, tão sómente a de um premio generoso ao honesto e perseverante trabalhador, que, si nenhum esplendor ainda conseguiu dar ás letras de Nossa Terra, também não as deslustrou com os singelos productos do seu rustico engenho, do seu grande esforço e da sua honesta directriz.

Permitti, senhores Academicos, que eu não cale estes factos, no ensejo de exprimir vos o intimo reconhecimento de minha alma, nesta hora feliz em que entro para o vosso convívio, contando a ventura, que nenhum outro academico eleito jámais contou até o presente, contando a ventura immensa de preencher uma vaga, que se verificou na Academia sem abertura de um tumulto, que viesse cobrir de tristeza e de saudade esta casa tão illustre.

Agradeço, portanto, a vossa nimia generosidade, srs. Academicos, e agradeço a Deus o tel-a completado com aquelle facto para todos nós tão confortador e feliz.

## II

Senhores: — Este discurso devera ser iniciado pelo estudo da vida e da obra de Estevam de Oliveira, meu illustre antecessor na cadeira, de que é patrono Manoel Ignacio da Silva Alvarenga. Dadas, porém, as circumstancias especiaes, em que se verificou a vaga, que venho preencher neste cenaculo, e em obediência a uma deliberação da propria Academia, não farei aquelle estudo, por inoportuno, em o presente momento.

Como é de vosso conhecimento, aquelle consagrado professor, scintillante jornalista e publicista de largo merito desligou-se da Academia, usando de uma faculdade, que os nossos Estatutos conferem aos Academicos, e o fez de maneira tão decisiva e firme que a illustre companhia, pesarosa, embora, teve de render-se á sua vontade, respeitando e acatando os motivos determinantes de seu acto.

Claro é que, si, com esse acto, Estevam de Oliveira privou este cenaculo altissimo da intellectualidade mineira do seu valioso concurso, como um dos seus mais proeminentes membros, não desligou o seu nome dentre os que aqui figuram e, para nós, o seu luminoso espirito aqui sempre estará presente, e as justas homenagens a que tem direito, lhe serão prestadas a seu tempo, consoante a deliberação, a que me referi.

## III

Agora, cumpre-me falar-vos de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, de sua vida, de sua obra, do papel que representou como homem, como politico, como advogado e, especialmente, como poeta. (1)

Como poeta, direi de começo, foi elle um dos quatro maiores, que o Brasil produziu no seculo passado, após o periodo formidavel de ousadas aventuras, de sonhos e ambições, em que os intrepidos bandeirantes haviam aberto as primeiras clareiras em nossos invios sertões, vencendo a multifaria aggressão de uma natureza virgem e barbara, na conquista dos metaes e das pedras preciosas, cuja fama era a de um novo *el-dorado*.

Os outros tres maiores poetas daquelles tempos eram Claudio Manoel da Costa, José de Santa Rita Durão e José Basilio da Gama, todos mineiros, descendentes, daquela raça indomita de Brasileiros, que, na brida do sonho e da ambição, por onde passavam, desbravando o nosso sólo, iam deixando sitios, fazendas, povoações, que mais tarde seriam villas e cidades, algumas das quaes estavam fadadas a ser o berço daquelles filhos poetas, que tanto dignificaram o nome do Brasil na propria Europa.

Dos tres épicos a que me refiro, auctores dos poemas *Villa Rica*, *Caramuri* e *Uruguay* falo accidentalmente, porque a minha missão aqui é fazer reviver aos vossos olhos, através de um estudo, o delicioso *Aleixo do Palmireno*, o immortal cantor de *Glaura*.

E como, para bem tratar da obra de um grande homem, é forçoso estudar-lhe a origem e a vida, tentarei dar, em seguida, os principaes traços biographicos do glorioso aedo colonial.

Filho natural do musico Ignacio da Silva Alvarenga, homem pobre, de condição humilde, nasceu Manoel Ignacio da Silva Alvarenga em Villa Rica no anno de 1749 (2), transcorrendo ahi a sua infancia apagada, naquelles longinquos tempos coloniaes cheios de preconceitos, convencionalismos e falta de liberdade, em que, de um lado a fidalguia dos

(1) Para a feitura deste trabalho tomei como fontes subsidiarias as seguintes obras: — «Historia da Literatura Brasileira», de Sylvio Romero; «Pequena Historia da Literatura Brasileira», de Ronald de Carvalho; «Noticias sobre Manoel I. da Silva Alvarenga e suas obras», nas «Obras Poeticas de Alvarenga»—H. Garnier—1864, 2 volumes; «Poemas eroticos», de Alvarenga, «Bibliotheca Universal»; «Florilegio da Poesia Brasileira», de F. A. de Varnhagen.

(2) O nome de seu pai e o logar de seu nascimento são declaradas pelo proprio Alvarenga nos depoimentos, que prestou, quando processado. Não têm, portanto, razão aquelles que o dão como nascido em S. João d'El-Rey.

reino era tudo e, de outro, o povo e a escravatura nada valiam, sinão para se exaurirem na trabalhadeira da extracção do ouro e das pedras preciosas, com que enriqueciam os grandes senhores da colonia.

A respeito do seu nascimento nada mais se sabe de positivo, pairando sobre este ponto as azas mysteriosas do amor, que tambem velam a causa determinante da sua cor parda (1).

Isso, porém, não nos priva de imaginar o pequeno Alvarenga abrindo os olhos para a vida na humilde casinha de seus paes, em Villa Rica, soltando os primeiros vagidos num berço obscuro que, alem de obscuro, lhe legava para o futuro a indesejavel herança da origem e da cor, tão menosprezadas naquelles tempos de costumes demasiadamente severos.

Imaginemo-lo, portanto, tartamudeando as primeiras palavras, ensaiando, depois, os seus primeiros passos, frequentando, mais tarde, a escola primaria e as aulas de musica, vivo, travesso, atilado, ou por aquellas viellas e ruas ingremes, escuras e tortuosas, cruzando aqui uma cadeirinha fidalga sobre os hombros de escravos; alli, damas e cavalheiros em seus trajes elegantes, ao rigor da moda; acolá, magotes de dragões ao serviço da prepotencia governamental; alem, o povo em lucta por uma existencia aspera, sem liberdade, e a escravatura, sob o azorrague dos senhores, na faina cruenta da extracção para alimentar o goso e a fortuna dos potentados.

Imaginemo-lo, depois, adolescente, amestrado já na musica, senhor já de rudimentar instrucção, dando mostras claras de seu peregrino talento, a alma cheia dos sonhos e ideaes proprios da idade, commovendo a alma da velha Villa Rica com as sonoridades da rabeça e da flauta por noites de luar, em serenatas ou nas salas festivas da sociedade, a que pertencia, e o pae a notar-lhe a intelligencia e a virtuosidade, vislumbrando para elle um glorioso futuro, a mandal-o para o Rio de Janeiro, com o auxilio de amigos, afim de proseguir seus estudos preparatorios, já muito retardados por força de sua falta de recursos.

E' então que o velho Ignacio Alvarenga, vendo-se obrigado a importunar amigos em pró da educação do talentoso filho, sente um profundo desgosto pela sua profissão e exclama, ao ver o menino partir: — «Felizmente, elle não será musico!»

## IV

E' no Rio de Janeiro que começa a vida triumphante de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, que para alli partiu por volta de 1768, quando contava 18 annos. Alli, mal descansou da fatigante viagem de infundaveis dias a cavallo, orientou-se na cidade e começou a relacionar-se em seu meio mais brilhante, fazendo-se apreciado e querido da

(1) O pae sempre lhe esculpiu os motivos determinantes de sua cor parda e a sua origem pelo lado materno.

sociedade, graças a seus invejaveis dotes de espirito, revelados desde a adolescencia ruidosa e scintillante. «O genio musical que se lhe encarnára desde os seus primeiros annos» — diz um de seus biographos — «lhe abriu as portas da capital do Estado colonial. Gostava-se de ouvi-lo tocar na sua flauta ou na sua rabeça, com facilidade e summa dextreza. Elle reunia a esse dom natural as mais agradaveis e sympathicas maneiras. Na sua conversação amena e fluente patenteava as graças de seu espirito, adornando-as com bellos saquetes, delicados remques e motejos. A poesia, que lhe dominava a alma, que lhe exaltava a imaginação, fazendo ver por um prisma differentemente do commum dos homens, lhe realçava ainda mais o já sabido merecimento, e todos, que o viam pela primeira vez, ficavam-no estimando, franqueando-lhe a sua casa e alargando-lhe o circulo das relações por meio de quotidianas apresentações, não obstante o accidente da cor, que tinha contra si, e que era um senão, segundo os preconceitos do tempo».

Assim, ao passo que Alvarenga cursava preparatorios no collegio dos jesuitas, grangeava grande fama de galante, admiravel conversador, tornando-se figura indispensavel nos salões festivos da capital, onde era cercado das maiores distincções.

De certo, por esse tempo, já elle confabulava com as musas e deliciava os seus contemporaneos com as primicias do seu futuro genio poetico, mas a este respeito nada nos dizem os seus biographos.

O certo é que, terminando brilhantemente os seus estudos preparatorios e satisfazendo ainda os desejos do pae, pouco depois embarcou para Portugal, chegando a Coimbra em 1771, aos 22 annos de idade, «um anno antes daquelle, em que o Marquez de Pombal, munido de plenos poderes, reformára a famosa Universidade e a elevára á altura dos melhores estabelecimentos congeneres da Europa».

## V

Havia chegado o momento, em que o genio do poeta, abrindo e tatalando as azas da inspiração, deveria alçar o vôo pela immensidade fulgurante da poesia. E assim foi. Em Coimbra, matriculado na Universidade, a sua figura sympathica e attrahente, as suas maneiras gentis e, sobretudo, a vivacidade, o brilho do seu espirito, tornaram-no logo estimado, admirado e, ás vezes, temido mesmo entre mestres e discipulos. E' que elle, não raro, soltava causticantes satiras «contra certos figurões enfatuados» da sociedade coimbrese.»

Foi então que, admirador entusiasta dos novos e brilhantes horizontes, que se abriam ás letras portuguezas com a recente reforma dos ensinos universitarios, começou o seu estro a vibrar na celebração daquelle evento, através de uma ode dirigida á mocidade portugueza, attrahindo para si, desta maneira, a attenção do Marquez de Pombal, então no fastigio da sua gloria, e que logo manifestou desejo de co-

nhecer aquelle joven brasileiro, tão majestosamente saliente no meio da mocidade estudiosa de Coimbra.

Apresentado ao Marquez de Pombal no primeiro ensejo, que se lhe offereceu, conquistou, desde logo, a sua amizade. A maneira acolhedora, com que o grande Ministro o recebeu; as palavras de applausos e incitamento, que lhe ouviu, e a sciencia que tinha das sympathias votadas pelo notavel estadista aos estudantes brasileiros, enthusiasmaram-no e o levaram a compôr o poema heroi-comico «O Desertor das Letras», em cinco cantos, no qual ridiculizava os antigos methodos de ensino anteriores á refôrma, cuja excellencia celebrava.

O famoso Marquez, que então protegia a Basilio da Gama e Alvarenga Peixoto, passou tambem a proteger Silva Alvarenga, mandando logo editar aquelle poema na imprensa official, contra a vontade, e sem attender-lhe aos protestos, da modestia do auctor, que era o primeiro a reconhecer-lhe os defeitos, declarando-se sem tempo para aperfeiçoal-o.

Levando uma vida ruidosa, alegre e brilhante, proseguiu Alvarenga os seus estudos. As ferias passava-as em Lisboa, onde se relacionou com o doutor Ignacio de Alvarenga Peixoto e se fez intimo amigo de José Basilio da Gama, official da Secretaria do Reino, por cujo intermedio se foi tornando mais e mais conhecido e estimado na capital portugueza, em cujos certames literarios tomava sempre parte saliente.

Foi então que, ao ensejo da inauguração da estatua equestre do rei Dom José I, o poeta notabilizou-se, recitando um soneto de uma ode de sua lavra em saudação ao bronze, com que Lisboa resgatava uma divida de gratidão para com o seu grande bemfeitor. Nesses versos quentes de enthusiasmo, o poeta não se esqueceu da patria longinqua e exprimiu a gratidão dos Brasileiros pela hospitalidade, que lhes dispensava a capital da terra de Camões.

Em 1776, enfim, estavam satisfeitos os desejos do velho Ignacio Alvarenga, pae do poeta, pois este se diplomava em cânones, obtendo em todos os exames approvação *nemine discrepante*. (1)

## VI

Ao entrar o poeta na phase séria das responsabilidades, portador de um titulo superior, e desfructando as vantagens da mais dilatada e brilhante reputação como fino belletrista, disse adeus aos saudosos tempos de estudante, aos collegas e amigos, á ruidosa Coimbra, e transferiu-se para Lisboa, onde assentou banca de advogado.

A intima amizade, que votava a Basilio da Gama, estreitou-se, então, ao extremo, fel-o como dois irmãos, e, não só graças a seus dotes pes-

(1) Apontamento obtido por Joaquim Norberto, por intermedio do commendador João Francisco Lisboa, dos livros da Universidade de Coimbra.

soas como ao alto conceito, que delle fazia o auctor do *Uruguay*, o seu nome culminou nas scintillações da mais ruidosa fama de douto e espirito formoso, entre literatos e sabios de Portugal.

Nesse periodo, teve Silva Alvarenga todos os salões mais distinctos da Capital franqueados á sua pessoa, a que comparecia sempre, sem esquecer-se dos seus epigrammas mordazes e das suas chistosas anedotas, que, em breve, Lisboa inteira repetia de cór com fino deleite espiritual.

Data dessa época a celebre epistola em versos dirigida a Basilio da Gama, traduzindo o enthusiasmo, que lhe causava a protecção dispensada ás letras por D. José I, — protecção que desenvolvia o gosto pela poesia e rasgava horizontes novos ao theatro até então incipiente.

Alvarenga, porém, não se demorou na Capital do Reino. Muito lhe custava, é certo, apartar-se da côrte, que lhe era familiar; dos amigos, que o cumulavam de amabilidades; daquela sociedade, enfim, em que o seu nome resplandecia e era pronunciado com carinhoso enthusiasmo pelas mais formosas lisboetas: a nostalgia, que desde muito tempo lhe vinha avivando as recordações saudosas da Terra Natal, de sua gente e da inegalavel natureza patria, fel-o, um dia, em 1777, despedir-se de Portugal, partindo para o Brasil. E foi com os olhos marejados de lagrimas que abraçou Basilio da Gama, e, ao apertar contra o peito, pela ultima vez, o seu irmão pelo affecto na pessoa do grande cantor de Lindoya, sentiu o poeta uma das mais fundas e sinceras emoções da vida. Pelo mar em fóra, o amigo dilecto não lhe sahio do pensamento, consoante nos revelam estes lindos versos, com que elle inicia a sua poesia *O Templo de Neptuno*, dedicada a Basilio, que usava o pseudonymo arcade de *Termindo Siphio*.

Adeus, Termindo, adeus, augustos lares  
Da formosa Lisboa; o leve pinho  
Já solta a branca vela aos frescos ares.  
Amor, o puro amor de patrio ninho,  
Ha muito que me acena e roga ao fado  
Que eu sulque o campo azul do deus marinho  
Eis a não, que já d'um já d'outro lado  
Se deita e se levanta; foge a terra  
E me foges, tambem, Termindo Amado.

E assim é toda essa poesia, inspirada pela saudade na immensidade do oceano, entre as ondas, as nuvens, os astros e os céos, que o poeta termina, ao saltar no solo natal, dizendo :

Si enfim respiro os claros climas nossos  
No teu seio fecundo, ó Patria amada,  
Em paz descansem os meus frios ossos.  
Vive, Termindo, e na inconstante estrada  
Pisa a cerviz da indomita fortuna,  
Tendo a volubil roda encadeada  
Aos pés do throno em solida columna.

Essa recordação saudosa, que Alvarenga sentia por Basílio, não se arrefeceu até a sua morte. Disso deu indubitáveis provas, como, por exemplo, dedicando-lhe, mais tarde, a famosa allegoria poetica *Gruta Americana*, feliz tentativa de alliança entre a poesia classica pagã e as novas imagens, que lhe inspirava o nosso Brasil incomparavel.

## VII

Quando o poeta saltou no Rio de Janeiro, em 1777, e abraçou os seus velhos amigos e protectores, que o receberam com alvoroço, «era um homem de alta estatura, de compleição forte, e repleto, sem ser obeso; seu semblante tinha alguma cousa de carregado, a que dava ainda mais gravidade sua côr parda; e a voz resentia-se do sotaque brasileiro por nimiamente pausada. Era lhano e complacente no irato familiar, gosando, como sempre, da reputação de honrado, da fama de ser 'o primeiro advogado do seu tempo, e de ser muito instruido nas mathematicas, na musica, no grego, latim, francez, italiano, inglez e hespanhol. Era ainda o mesmo homem alegre, cheio de amabilidade, que attrahia a attenção geral pela conversação erudita, faceta e critica, segundo os assumptos. Era agradável e divertido na roda de seus bons amigos pelo gosto, que tinha pela musica, e pela facilidade, com que satisfazia aos pedidos dos que o desejavam ouvir e apreciar. E assim, pelos talentos e conhecimentos, pelas qualidades e virtudes, destruiu o preconceito, que lavrava contra os homens, que, como elle, sentiam bater nas veias o sangue africano».

Tal é o magnifico perfil, que Joaquim Norberto de Sousa e Silva traçou do grande poeta, com mão de mestre, declarando, em seguida, não estar provado si Alvarenga ficou, desde logo, residindo no Rio de Janeiro, ou si foi primeiramente visitar o pae em Villa Rica, dada a hypothese de que este ainda existisse, o que tambem não está provado.

O mais provavel é que não tenha Alvarenga realizado aquella viagem, pois já no anno seguinte ao da sua chegada, elle recitava na sociedade scientifica, de que adiante falaremos, o seu poema «As Artes», no qual revela os seus largos conhecimentos, formulando uma quasi classificação positivista, em torno das sciencias exactas, da astronomia, da physica, da chimica, da historia natural, da cirurgia, da medicina, da geographia e da industria.

## VIII

Estabelecido no Rio de Janeiro, é nesse periodo que o grande talento poetico de Silva Alvarenga adquiriu o seu completo esplendor. Dir-se-hia que o melhor daquella privilegiada organização de estheta, filha dos tropicos, embalada no berço pelas ternas canções e modinhas patricias e pelas brisas perfumadas, livres, das montanhas de Minas;

sensibilizada na adolescencia pelas bellezas sem par da maravilhosa natureza patria, com o marulhar de seus rios e regatos, com o escachoar de suas cascatas, com a placidez azul de seus lagos, com a doce verdura tranquilla e florente de seus valles, campinas, mattas e montanhas, com a majestade de suas serras, com a symphonia embevecedora de seus passaros, insectos e reptis, com o perfume de suas flores, com a linguagem doce de sua gente, com os nossos usos e costumes tão amenos e simples, —estivera adormecido no velho Portugal e só despertara ao contacto do poeta com a terra natal, aos 29 annos de idade.

Governava brilhantemente o Brasil, por esse tempo, o vice rei Marquez de Lavradio, grande amigo dos sabios e dos poetas, desvelado propugnador do engrandecimento da Colonia, o qual, attrahindo a palacio todas as illustrações que possuimos, ao passo que protegia a fundação de uma sociedade scientifica, promovia, por intermedio dos associados, o desenvolvimento dos recursos do paiz.

Houve, então, um *surge et ambula* em todos os campos da actividade: nas letras, os poetas revestiram-se de entusiasmo e trabalharam, tendo á frente Silva Alvarenga, que consideravam o mestre, todos contentes com o prestigio sincero, que lhes dava o Marquez. Então, Alvarenga, victorioso em meio á mais brilhante sociedade, que o cercava, ao passo que se entregava aos seus que fazeres da advocacia, enchia todos os seus lazeres na criação da sua obra definitiva, aquella que o deveria consagrar eternamente.

Os rondós e madrigaes brotavam-lhe da penna, formosos e aromaes, como flores de uma primavera mirifica.

E' que elle amava, estava sinceramente apaixonado. Como si não bastassem, todos os outros incentivos para fazer vibrar o divino plectro do poeta, —eis que o mais enternecido e doce romance lhe illumina o coração. Uma linda, formosissima fluminense, que se chamava Laura, e a quem cognominou pelo anagramma de *Glaura*, accendeu-lhe no peito o incendio do amor, inflamou-lhe o cerebro e fel o diluir a alma inspirada na poesia, eternizando o seu nome e o nome da sua encantadora musa.

Sob o imperio desse amor, já n'*O canto dos pastores*, lançava ao mundo os moldes de uma poesia nova para o seu tempo, transpirando doçura, tranquillidade e a volupia meridional:

Que formoso logar!... Em torno as flores  
Nascem por entre a relva; estes pinheiros  
Parecem suspirar tamhem de amores.  
O zephyro respira; o sol formoso  
Vae dos troncos as sombras apartando,  
Que já se inclina o carro luminoso...  
Risonhas flores, que em estreitos laços  
Formaes de vossos ramos na floresta.  
Sei que Glaura vos ama... Pela sêsta  
Deixae-vos desfolhar no seu regaço...

No rondó «A Alegria» celebra o encanto de viver quando se ama:

Sem amor, ó Glaura, tudo  
Era mudo e triste e feio;  
Tudo cheio de alegria  
Neste dia o vê tornar.  
Vem contigo a formosura,  
E as delicias deste monte:  
Dá valor ao prado, á fonte  
A aventura de te amar.  
Noutro tempo a esteril serra  
Teve a cor das minhas magoas;  
Hoje brilha o sol nas aguas;  
Ri-se a terra, o céu e o mar.

## IX

Estava Alvarenga em pleno apogéo da sua gloria e do seu amor quando ao Marquez de Lavradio succedeu o vice-rei Luiz de Vasconcellos e Sousa, outro devotado obreiro do engrandecimento do Brasil e sincero protector das letras, que o nomeou professor regio de rhetorica e poetica da Capital, em 1782, cujo curso foi installado, solennemente, pelo poeta, em agosto, pronunciando elle, por essa occasião, o celebre discurso, que mereceu os maiores elogios do bispo Dom José Joaquim Justiniano Marcondes Castello Branco e de outros sabios e eruditos da época.

Dirigindo o seu curso, Alvarenga apenas lamentava o pequeno numero de alumnos, quando ironicamente escrevia:

E é muito seis estudantes  
Para um só Quintiliano!

São desses tempos de sua vida a canção *Apotheosi poetica* e a de *O recolhimento do parto*, recitadas na presença do vice-rei Luiz de Vasconcellos, ao tempo em que Alvarenga em companhia de Sousa Caldas, Frei Francisco de S. Carlos, Bartholomeu Antonio Cordovil, Domingos Vidal Barbosa, João Pereira da Silva, Balthasar da Silva Lisboa, Ignacio de Andrade Souto Maior Rondon, Manoel de Arruda Camara, José Ferreira Cardoso, José Mariano da Conceição Velloso, Domingos Caldas Barbosa, Januario da Cunha Barbosa, Frei Bastos, José Eloy Ottoni, Pedra Branca, João Marques Pinto, Jacyntho José da Silva e Marianno José Pereira da Fonseca, mais tarde galardoado com o titulo de Marquez de Maricá, transformou a antiga sociedade scientifica numa sociedade literaria com a denominação de—*Arcadia Ultramarina*, segundo alguns auctores, com ramificações por Minas e S. Paulo. (1)

(1) Ha duvida sobre a data certa da fundação da *Arcadia Ultramarina*. Alguns auctores acreditam que ella tenha sido fundada antes de 1768, quando foram publicadas as obras de Claudio Manuel, que della fazia parte e que a ella se refere nos seus versos. Nesse caso, então, a sociedade literaria fundada ao tempo do Luiz de Vasconcellos e Sousa terá outra denominação.

Dessa sociedade, a que tambem pertencia José Basilio da Gama, era Alvarenga secretario e uma das principaes figuras, sob o nome pastoril de *Alcindo Palmireno*.

Sempre mais e mais animado com os brilhantes resultados daquelle periodo fecundo nas letras e nas artes, fundou, logo em seguida, um theatro particular de amadores, com o qual se propunha lançar os fundamentos da arte dramatica brasileira.

Nessa phase aurea de sua vida, começou a tragedia da adversidade a tombar sobre elle com todos os seus horrores. Glaura, a creatura idolatrada, que era a scentella e o perfume de seus melhores versos, e que em breve lhe deveria encher de encantos e venturas o lar, com que sonhava, tinha fechado os olhos para sempre. Uma febre violenta, insidiosa, fizera tombar a bella flor humana, misto de realidade e sonho do poeta, crestando-lhe as petalas da vida. Tudo quanto era possivel fôra feito para salva-la. Por fim, tiram-na do Rio para um logar de melhor clima. O poeta seguiu-lhe os passos, ansioso, em desatino. Tudo em vão! Ao vel-a morta, não conteve a torrente de lagrimas, que lhe rebentaram do coração, num desalento de todo o ser. Os seus versos, outr'ora risonhos e felizes, vestindo imagens sadias, doces, enternecidas, tornaram-se lugubrememente dolorosos. Então, vagueando os olhos ennevoados de magoa pelo mundo deserto, tinha o poeta a impressão de que tudo chorava com elle aquella desgraça, sem remedio, quando escrevia, por exemplo, no dolorido rondó *O Rio*:

Chora o rio entre arvoredos,  
Nos penedos recostado:  
Chora o prado, chora o monte,  
Chora a fonte, a praia, o mar.  
Vêm as garças lacrimosas  
E os amores sem ventura  
Nesta fria sepultura  
Pranto e rosas derramar  
Por ti, Glaura, a natureza  
Se cobriu de magoa e luto:  
Quanto vejo, quanto escuto  
E' tristeza e é pesar.

.....  
Glaura, ó morte enfurecida,  
Expirou... Que crueldade!  
E pudeste sem piedade  
Sua vida arrebatat?  
Cae a noite, a nevoa grossa  
Turva os céos com manto escuro;  
E eu afflicto em vão procuro  
Quem me possa consolar.  
.....

Acabrunhado pela saudade infinita de Glaura, devorado pela dor sem nome, cansado, enfim de chorar em vão, pendura a lyra nos ramos do loureiro; mas as brisas que passam, roçam-lhe as cordas e fazem-na vibrar:



Tudo, ó Glaura, tudo existe  
Feio e triste de saudade !  
Vão a idade e não consome  
O teu nome e o meu amor !  
.....

Assim plangeu a sua destina nos rondós. Nos madrigaes o mesmo liame dolorido entretece os seus versos :

O' aguas de meus olhos desgraçados,  
Parae que não se abrande o meu tormento !  
De que serve o lamento,  
Si Glaura já não vive ? Ai, duros fados !  
Ai, míseros cuidados !  
Que vos promettem minhas magoas ? — «Aguas,  
Aguas !...» Responde a gruta,  
E a nympha, que me escuta nestes prados !  
O' aguas de meus olhos desgraçados,  
Correi, correi; que na saudosa lida  
Bem pouco ha de durar tão triste vida.

Mal sabia, talvez, o desventurado Alvarenga, que o seu vaticínio lançado nesse madrigal não estaria longe de realizar-se... E não era sem razão que na sua mysanthropia pensava muitas vezes em (e para isso chegou mesmo a dar alguns passos) fundar uma fazenda de lavoura e criação em Itaguahy, que pretendia habitar, longe dos homens e a sós com a sua dor...

## X

Ainda sob o peso dessa adversidade, viu o poeta o seu *Mecenas*, Luiz de Vasconcellos e Sousa, passar o governo da Colonia ao taciturno Conde de Rezende, em 4 de junho de 1790. Este governador, que dirigiu a colonia até 14 de outubro de 1801, apparentando dispensar á sociedade literaria a mesma protecção de seus antecessores, não a via, porém, com bons olhos, attribuindo-lhe o caracter de um club de jacobinos, suggestionado por intrigas, a que dava ouvidos. Tanto Alvarenga como os demais literatos comprehenderam isso e retrahiram-se, tanto mais quanto os escarmentava a recente tragedia da *Inconfidencia Mineira*, com o consequente degredo dos poetas conjurados e a execução de Tiradentes.

Tinham razão. Não tardou muito e o conde de Rezende, sob o pretexto de desavenças entre alguns dos aggremlados, mandou fechar a sociedade literaria.

Alvarenga, então, com alguns collegas e discipulos, organizou uma sociedade secreta, em 1794, com caracter politico, numa casa que alugára na rua do Cano, onde se reuniam sempre em conferencias e discussões.

Por sua infelicidade, porém, nesse período o poeta se desaveiu com um certo frei Raymundo, rabula ignorante e pretencioso, a quem escorchou com uma série de sonetos satiricos, impagaveis e mordazes. Zur-

zido pela satira, que fez furor e correu mundo, o padre alliou-se a um tal José Bernardo da Silveira Frade, e assentou contra o poeta as baterias da mais insidiosa intriga.

O vice-rei, dando credito á maledicencia, mandou prender Alvarenga e confiscar-lhe os bens, e o mesmo praticou em relação a varios de seus companheiros da sociedade, que foi tambem extincta.

Mettido em ferros nas masmorras da fortaleza da Conceição, desde 4 de julho (1) de 1795, e envolto nas malhas crueis de monstruoso processo, (2) dirigido por Antonio Diniz da Cruz e Silva, auctor do *Hyssope*, o mesmo juiz, que havia sido algoz dos incofidentes mineiros, figurava Alvarenga como jacobino, conspirador contra o regime, em pró da fundação de uma republica.

E assim, durante dois annos, depois de odiosos, interminaveis interrogatorios e acareações com denunciantes e com um dos seus discipulos, permaneceu o pobre Alvarenga encarcerado, segregado do mundo. Para d'alli sahir, ao fim de dois annos, ainda contra a vontade do famigerado juiz Cruz e Silva, cuja passagem pelo Brasil é um rastro de sangue e de miserias, na expressão de Ronald de Carvalho,—foi necessario viesse ordem terminante da Metropole.

Restituindo-lhe a liberdade, não lhe restituiram, entretanto, aquillo que de mais precioso perdera com a prisão, isto é, o seu bom humor, o espirito folgazão, a intelligencia irrequieta e travessa. Aquelles eternos mezes no carcere tinham influido funestamente no seu temperamento.

Sahiu da prisão alquebrado, melancholico, mysanthropo, moralmente perdido. Sem aquelle «suave alento á curva lyra», que outr'ora lhe vinha da sua Glaura, morta havia tempos, e dos seus triumphos nas letras, foi arrastando uma vida incolor, vegetativa, insipida, vivendo sem viver, até a tarde do dia 1.º de novembro de 1814, quando fechou os olhos para sempre, aos 65 annos de idade, ignorando-se o logar do seu tumulo, o que é uma falta imperdoavel de nós Brasileiros.

Tal foi a vida do grande vulto mineiro, que, tanto aqui como na Europa, deu realce immenso ao nome de sua patria, pelo talento, pelo estudo e pelo saber, sendo altamente instruido para o Brasil do seu

(1) Alvarenga foi encarcerado na Fortaleza da Conceição, e não na Ilha das Cobras, como se verifica pelos seus depoimentos nos autos do processo, a que foi submettido.

(2) É este o título do processo a que foram submettidos Silva Alvarenga e outros illustres literatos:

«Devassa a que mandou proceder o Illustrissimo e excellentissimo vice-rei do Estado do Brasil para as pessoas, que com escandalosa liberdade se atreviam a envolver em seus discursos materias offensivas da religião e a falar nos negocios publicos da Europa com loavor e approvação do systema actual da França; e para conhecer-se si entre as mesmas pessoas havia algumas, que além dos ditos escandalos discursos que se adiantassem a formar ou insinuar alguma plano de sedição. Anno de 1794. Escrivão da dita diligencia João Manuel Guerreiro de Amorim Pereira. Desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva».

A respeito desse documento, diz o sr. dr. F. I. Marcondes Homem de Mello. — «No simples rosto dos autos do processo instaurado contra os membros desta sociedade literaria (refere-se á do Rio de Janeiro no seculo passado) apparece fielmente retratado o tempo colonial». (Estudos brasileiros, p. 29, nota 15).

tempo, que o considerava o seu maior advogado, segundo affirmam todos os seus biographos.

## XI

Como professor, dizem-no todos os criticos, que lhe estudaram a obra e a vida, «foi um fermento, de progresso; muitos dos homens, que figuraram na época da nossa independencia, foram seus discipulos». E' dever salientar que, em suas aulas, prestou Alvarenga inestimaveis serviços á Patria. «A mocidade brasileira, diz um de seus discipulos, principalmente das provincias mais proximas do Rio de Janeiro, colheu grandes fructos de seu magisterio. Elles ainda hoje apparecem nos escriptos daquelles, que ouviram suas lições ou foram instruidos pelos discipulos de Silva Alvarenga. O impulso que recebêra na Europa, pela reforma do ensino publico, operado no anno de 1772 pelo Marquez de Pombal, e que tão bons literatos dera á nação nessa época communicou-se, por intermedio desse insigne professor, aos Brasileiros, muitos dos quaes corresponderam com seus trabalhos literarios aos seus patrioticos desvelos. A eloquencia, contida até então nas descarnadas formas de dissertações theologicas, lidando desgraçadamente com as antitheses e conceitos, que cansavam o espirito sem tocar o coração, tomou um nobre voo e, seguindo a carreira luminosa dos oradores romanos e francezes, descobriu no Brasil genios admiraveis, que marcaram a era da renovação da boa literatura e a continuação dos novos estudos, a que a mocidade se entregára com gloria. Talvez sem as lições de Alvarenga não tivessem apparecido nas cadeiras sagradas do Rio de Janeiro, os Frias, os Rodovalhos, os San Carlos, os Sampaio, os Ferreiras de Azevedo, os Oliveiras, os Alvernes e outros prégadores de nomeada».

## XII

Como politico, Alvarenga amava as idéas liberaes e encyclopedisticas, que então se irradiavam da Europa, e foi um propheta da independencia da Patria, pela qual muito fez, a ponto de sacrificar a propria vida.

Na sociedade scientifica, na literaria e, depois, na secreta, os seus amigos o seguiam nos vãos das idéas liberaes. Nas suas aulas de rhetorica e poetica, os discipulos, seguindo os ensinamentos do mestre, discorriam em conferencia «mostrando a um povo escravo que o valor era a primeira das virtudes do homem, o qual não fôra creado para curvar-se ante a prepotencia de um ente, que não tinha recebido do Creador semelhante missão, nem com ella uma alma mais perfeita do que a sua. O professor de rhetorica e poetica interpretava e explicava as lições de Quintiliano com os olhos fitos nos horizontes da Patria». E foram, como vimos, as suas idéas liberaes em politica que o perderam.

## XIII

Na poesia, filia-se Alvarenga á escola franceza do seculo de Luiz XIV e constitue o isthmo, que ligou o archadismo ao romantismo, entre

os seculos XVIII e XIX. «Delle já se disse mui justamente—escreve Ronald de Carvalho—é uma figura de transição entre o seiscentismo de Claudio e o subjectivismo de Gonçalves Dias e o precursor do nosso romantismo. Sua poesia, sobretudo no *Glaura*, é essencialmente brasileira, não tem aquella traça do arcadismo lusitano, tão evidente em Claudio Manoel da Costa. Não é um simples *formista*, um cultor exclusivo das bellezas postizas do repertorio greco-romano. Si, por vezes, exaggera o rigorismo de Boileau e dos classicos francezes do seculo XVII, tem, como estes, a phrase elegante e o sentimento discreto e apurado. *Glaura*, entretanto, illustra melhor a sua maneira definitiva que certas odes e poemas, escriptos na mocidade, ou por comprazer a certos poderosos, de cujos favores necessitava para viver confortavelmente. Nas suas redondilhas graciosas canta não só amores ficticios, mas ainda a realidade da terra em que vivia, a volupia das nossas noites perfumosas, a transparencia dourada e azul dos céos americanos. E canta com singeleza, sem falsos arreios, sem allegorias sedizas, canta, em summa, como um poeta sinceramente enamorado das nossas cousas».

«Manoel Ignacio da Silva Alvarenga—escreve Sylvio Romero—é dos poetas do seu tempo o mais delicioso pelo mimo da forma, pela suavidade da expressão. Era um mestiço e o mais brasileiro dos escriptores do seculo passado. Os criticos de Alvarenga insistem em dois pontos capitais, quando o estudam: seu paralelo com Gonzaga e o brasileirismo de seus versos. O primeiro facto é mal determinado e falta-lhe uma base séria. Não devem ser equiparados os dois poetas de natureza tão differente. Alvarenga é o poeta da palavra, da forma, da musica, do rythmo. Natureza meridional, deliciava-se nas cambiantes dos sons, no sussurro das rimas. As delicadezas da arte vêm-lhe pelo ouvido; a natureza é para elle um marulho languido, que se perde longe do infinito. Gonzaga é o poeta das imagens exteriores, das formas opulentas, dos quadros deslumbrantes: a poesia vem-lhe pela vista. Os versos de Alvarenga, ha sempre os mugidos, os sussuros das lymphas, os marulhos das folhas e das brisas, os sons da lyra, o canto das aves; em Gonzaga, apparecem as flores, os mares, as nuvens, as estrellas, as auroras. O brasileirismo de Alvarenga é um facto melhor averiguado pela critica». Falando de sua poesia acrescenta: «E' uma poesia intima, pessoal, auto-psychologica. São confissões ao gosto do romantismo de 1820 a 1850. Muitas das scenas de seus versos passam-se entre as mangueiras, os cajueiros, os coqueiros, os beija-flores, nas bellas tardes americanas, aos reflexos dourados do sol brasileiro. Elle deixou-se apoderar desse pantheismo, desse monismo universal, em que tudo vive e ama».

Costa e Silva, J. M. Pereira da Silva e muitos outros criticos julgam a *Glaura*, de Alvarenga, superior a *Marilia*, de Gonzaga, e todos os escriptores, que estudaram a vida e a obra do poeta, como J. Norberto,

Balbi, Varnhagen, Sismondi e Fernando Wolf, são unânimes em afirmar que elle é o mais brasileiro dos poetas do seu tempo e o precursor do romantismo.

Na minha desautorizada opinião, o julgamento de Sylvio Romero é justo, assim como tem superior fundamento o juizo dos outros criticos citados: Alvarenga é, effectivamente, o maior poeta lyrico do seculo XVIII e o precursor do romantismo, mas a sua poesia não deve ser comparada á de Gonzaga, dada a positiva dissimilhança existente entre ambas, nos moldes, na forma, nas imagens e no fundo.

Sem comparal-as, porém, estou com aquelles criticos, julgando a *Glaura*, de Alcindo, superior á *Marilia*, de Dirceu, sob o ponto de vista geral do exame de obras d'arte de um mesmo periodo. Sobre ser a poesia de Alvarenga mais sonora, rythmada, fluente e adequada aos assumptos objectivados, e mais original que a de Gonzaga, penetra-nos mais naturalmente o coração pela delicadeza das concepções, pela belleza das imagens, e, sobretudo, pelo accentuado sabor nativista, com que elle abria rumo para uma nova escola poetica, que se denominou mais tarde, *romantismo*.

Si é certo que nos seus versos ainda haja uns longes resaihos do classicismo arcade (o que aliás era natural, porque era essa a maneira de versejar dos poetas dos seus dias), esse sabor antiquado é, porém, dominado pelas imagens novas, pelas novas formas, pelo colorido nacionalista, que os revestem, lançando as bases da nossa emancipação poetica, abrindo a estrada para o advento da legitima poesia brasileira. Eis a prova que affirmo no delicioso rondó *Melo dia*:

Glaura, as nymphas te chamaram,  
E buscaram doce abrigo:  
Vem commigo e, nesta gruta  
Branda escuta o meu amor.  
Treme agora o ar extenso  
Pela esphera crystallina;  
Que os seus raios não declina  
Esse immenso resplendor.  
Busca o touro fatigado  
Frias sombras, verde relva:  
Com a cigarra zune a selva,  
Foge o gado e o pastor.

Ferve areia desta praia,  
Arde o musgo no rochedo,  
Estremece o arvoredo,  
E desmaia a terna flor:  
Todo o campo se desgosta,  
Tudo... Ah! Tudo a calma sente:  
Só a gelida serpente  
Dorme exposta ao vivo ardor.

Vês a plebe namorada  
De volantes borboletas?  
Loiras são, e azues e pretas,  
De mesclada e varia cor.  
Aquella ave enternecida,  
Que cantou ao ver a aurora,  
Abre as azas, geme agora,  
Opprimida de calor.

Fonte aqui não se despenha  
Com ruido que entristece:  
Gotta a gotta a lymphá desce,  
Lava a penha sem rumor.  
Aqui vive preciosa  
Escondida amenidade,  
O segredo e a saudade  
E a chorosa minha dor.  
Glaura, as nymphas te chamaram,  
E buscaram doce abrigo:  
Vem commigo e, nesta gruta,  
Branda, escuta o meu amor.

E' esse o estylo dos rondós, quasi todos dedicados a sua Glaura, assim como os madrigaes, que, segundo a opinião de Sylvio Romero e de outros criticos, são os mais bellos da lingua portugueza. Vejamos, então, ao acaso, um desses madrigaes:

Suave agosto, as verdes laranjeiras  
Vem feliz matizar de brancas flores,  
Que, abrindo as leves azas lisonjeiras,  
Já zephyro respira entre os pastores.  
Nova esperança alenta os meus ardores.  
Nos braços da ternura,  
O' dias de ventura,  
Glaura vereis á sombra das mangueiras!  
Suave agosto, as verdes laranjeiras  
Com a turba dos amores  
Vem feliz matizar de brancas flores.

Sim, é preciso que se accentue bastante esta verdade incontestavel: Alvarenga foi o poeta lyrico mais brasileiro e mais original de seu tempo e, talvez, seja esse um dos motivos de não ter logrado a reputação de Gonzaga, pois é de todos bem conhecido o phenomeno da pouca popularidade dos innovadores.

Em todos os tempos, sempre foi assim: quem foge ao commum do gosto publico do momento, quem lança os moldes de uma feição nova em arte, não é bem comprehendido nem sentido nesse momento. O innovador, só mais tarde, quando a semente lançada medra, cresce, floresce e dá fructos, recebe o premio merecido.

Assim, naturalmente, aconieceu com Alvarenga. Dominava o gosto do publico, por aquelles tempos, a poesia classica dos arcades. A mythologia era a fonte castalia dos poetas, e os versos que não falassem de deuses, de lendas mythologicas, estavam fóra da moda! Era natural,

portanto, que Alvarenga, fugindo á tecla commum, dando aos seus versos uma feição nova, diversa da usual, lançando no Brasil as formas do rondó e do madrigal francezes com accentuado sabor nativista, celebrando a sua Glaura entre coqueiros, cajueiros, mangueiras, cousas nossas, ficasse inferior em popularidade a Gonzaga, que poetava ao gosto da época.

Outro motivo determinante da maior fama de Gonzaga é que este teve o que faltou a Alvarenga—maior extensão tragica á sua historia de amor.

Houvesse Glaura assistido em lagrimas á prisão de Alvarenga e chorado com elle a sua desdita; houvesse elle expirado no carcere, ou houvesse ella morrido de desgosto e tristeza, por sentir o seu immenso amor impotente para restituil-o á liberdade; sahisse elle, depois, do carcere, como sahiu, mais morto do que vivo, e encontrasse o mundo deserto para o seu coração, povoado apenas pela dor e pela saudade sem remedio de sua Glaura—e todas essas scenas romanticas, invadindo a alma sentimental do povo, dariam azas de condor aos seus inegalaveis madrigaes e rondós, tornando-o mais popular e mais lido do que Gonzaga.

Accentúo especialmente os rondós e os madrigaes, porque elles constituem, com as bellas allegorias poeticas *O Templo de Neptuno* e *a Gruta Americana*, a parte mais notavel de sua obra, aquella que o consagra definitivamente um dos melhores e o mais brasileiro dos poetas lyricos do seculo XVIII, sem esquecer-me das suas formosas e acclamadas traducções de Anacreonte, que se perderam com os sonetos satiricos e com os epigrammas, quando o despotismo do conde de Rezende o mandou prender e confiscar os seus bens. (1)

Quanto ao poema heroi-comico *O Desertor das Letras*, as *Quintilhas as Canções*, as *Odes*, as *Epistolas*, as *Satiras*, *Os Vícios*, o poema didactico *As Artes* e alguns outros trabalhos seus do tempo da mocidade, teriam produzido, como produziram, na época em que foram escriptos e publicados, grande repercussão pela oportunidade dos assumptos, que encerram, mas incontestavelmente ficam muito distantes, em valor, quando comparados á sua formosissima obra lyrica. Eram composições opportunistas, talhadas para determinados effeitos no momento, e não caracterizam absolutamente a individualidade do poeta, servindo apenas para mostrar o grande talento multiforme e a vastidão dos conhecimentos do auctor, a cuja memoria rendo aqui, como Brasileiro e como poeta, as maiores e as mais justas homenagens da minha admiração e da minha amizade espiritual.

Tenho concluido.

(1) As obras completas de Alvarenga, editadas pela Livraria Garnier, em 1861, e publicadas em 1813 no *O Patriota*, jornal redigido pelo Conego Januario da Cunha Barbosa constituem-se dos seguintes trabalhos:—1 poema heroi-comico, 1 poema didactico, 1 em oitavas rimas, 2 idyllios, uma elogia, duas epistolas, quatro odes, duas canções, 1 herolide, uma satira, um soneto, uma poesia em quintilhas, 69 rondós e 57 madrigaes. Perderam-se: os sonetos satiricos, os epigrammas e as traducções de Anacreonte.

## DOCUMENTOS E INFORMAÇÕES

PARA O

Archivo Publico Mineiro

Em auxilio desta instituição, que não pode ser indifferente aos bons cidadãos, invocamos o concurso de todas as pessoas que se interessam pelas tradições honrosas do nosso Estado, esperando que se dignem remetter-nos os documentos e informações que possuam ou possam obter, concernentes á historia, aos homens e ás cousas de Minas Geraes, no intuito de serem opportunamente publicados ou de qualquer modo aproveitados convenientemente.

Alem de taes documentos e informações—que em numero consideravel se acham esparsos por muitas mãos, sem nenhuma utilidade para a causa publica—pedimos a remessa (com destino á Bibliotheca Mineira do *Archivo*) de todas as publicações, antigas e modernas, feitas por Mineiros ou relativas a Minas-Geraes, em geral, ou a qualquer de suas regiões e localidades, inclusivé periodicos, estatutos municipaes, noticias sobre curiosidades naturaes, templos, instituições, edificios publicos, hospitaes, asylos, fabricas, associações industriaes, litterarias e beneficentes, notas estatisticas, apontamentos biographicos de Mineiros notaveis, lendas e tradições populares, etc.

Por essas offertas e informações mostraremos em tempo publico agradecimento, reerindo os nomes dos distinctos cidadãos que cavalheira e patrioticamente attenderem ao nosso pedido, prestando taes serviços ao Estado.

Os fiscaes das rendas do Estado, os inspectores escolares, os fiscaes dos serviço de immigração e os das estradas de ferro auxiliadas pelo Estado, e os engenheiros das circumscripções, ficam encarregados de procurar e obter quaesquer documentos importantes para a historia e a geographia de Minas-Geraes, noticias certas sobre a vida de Mineiros distinctos, e outras informações que interessem de alguma forma ao Estado filiando-se aos intuitos do *Archivo Publico Mineiro*, para onde deendereço-las.—(Art. 13, do dec. n. 860, que promulgou o *Regulamento do Archivo Publico Mineiro*).